

Terena: uma língua de nomes nus que conta com dois artigos definidos

Terena: a bare noun language presenting two definite articles

Ana Paula Quadros Gomes*

Aronaldo Julio**

Cristina de Cássia Borella ***

RESUMO: Terena (Aruak) é uma língua aglutinante, com nomes nus que podem ser interpretados como definidos ou indefinidos, que conta com dois marcadores de definitude, 'ne' e *ra*. Neste artigo, analisamos sua semântica, propondo uma explicação para a divisão de trabalho entre eles. Diferentemente da visão tradicional da literatura, que indica que um é um demonstrativo e o outro o artigo definido, argumentamos que ambos são artigos, mas indicam familiaridade de naturezas diversas: *ne* evidência indireta, ao passo que *ra* requer evidência direta.

PALAVRAS-CHAVE: Terena (Aruak), (in)definitude, artigos definidos

ABSTRACT: Terena (Aruak) is an agglutinating language, In Terena, bare nouns can be interpreted as definite or indefinite. There are two definiteness markers, *ne* and *ra*. We analyze their semantics, proposing an explanation for the division of labor between them. We depart from the traditional view, which indicates that one is a demonstrative and the other is the definite article. We will argue that they are both are articles, but indicate familiarity of different natures: *ne* relies on indirect evidence, while *ra* requires direct evidence.

KEYWORDS: Terena (Aruak), (in)definitude, definite articles

* Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo, anaquadrosomes@letras.ufrj.br, ORCID 0000-0002-3476-0193.

** Mestre em Linguística e Línguas Indígenas pela Universidade do Rio de Janeiro, doutorando em Linguística pela Universidade do Rio de Janeiro, bolsista CNPq, aronaldo@letras.ufrj.br, ORCID 0000-0002-2187-4773.

***Professora da Universidade Federal do Amazonas, mestra em Linguística pela Universidade de Campinas, doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista POSGFE -FAPEAM, cristina.borella@letras.ufrj.br, ORCID 0000-0002-2685-099X.

Esta pesquisa tem aprovação pela Plataforma Brasil (CAAE: 53320021.4.0000.5286). Gostaríamos de agradecer grupo do CNPq “(In)definitude através das línguas/(In)definiteness across languages” <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6649298354394592>, ao qual pertencemos e onde tivemos proveitosas discussões; à FAPEAM e ao CNPq, pelas bolsas concedidas.

1 A análise tradicional dos determinantes em terena

Existe muito interesse linguístico hoje por como se manifestam os traços de (in) definitude nas línguas naturais. Pesquisas em andamento buscam por generalidades, particularidades e por possíveis universais semânticos. As línguas indígenas brasileiras, ainda insuficientemente descritas, constituem um campo de provas importantíssimo para a caracterização de aspectos gerais das línguas humanas. Neste artigo, vamos discutir a marcação de definitude em Terena.

A língua terena (família Aruák) é falada por quase 26 mil indígenas no estado do Mato Grosso do Sul. Considerada uma língua aglutinante, com ordem canônica VSO (Verbo-Sujeito-Objeto), esta língua marca a oposição de S e O em transitivas com conjuntos de afixos pronominais. O Terena apresenta o fenômeno conhecido como referência cruzada (CARDOSO, 2017), que se caracteriza pelo fato de o mesmo conjunto de afixos pronominais codificar o SN em função de sujeito (S) tanto de sentenças absolutivas(intransitivas) quanto de transitivas, mas em distribuição complementar com as marcas dos SNs plenos. Sempre que os argumentos de sentenças transitivas forem realizados por SNs plenos, a função de complemento é marcada por vir precedida da partícula ne ou ra (determinantes, segundo BUTLER, 2003). O SN em função de sujeito não recebe marca, ou recebe marca zero, na análise de Silva (2013, p. 222), como vemos no exemplo abaixo, dela:

- (1) oyokoati Aronaldo ra Marlene
gostar Aronaldo DET Marlene
‘O Aronaldo gosta da Marlene’

Nas línguas aglutinantes as sentenças não são formadas por palavras separadas, que se compõem em constituintes maiores com funções sintáticas dedicadas (sintagmas), tal como ocorre nas línguas flexionais, tais como o português. Em português, cada sintagma nominal recebe sua marca morfológica de tema, gênero, número e, se for um DP, seu determinante. Por exemplo, na tradução em português de (1), vemos dois SNs, cada qual com seu próprio determinante: o sujeito, *a Marlene*, e o objeto, *o Aronaldo*. Note-se que, em terena, o *determinante, ra*, aparece apenas uma vez na sentença (antes do SN objeto) mesmo ela sendo transitiva e trazendo dois nominais em posição argumental.

Sentenças transitivas com um pronome e apenas um SN pleno em posição argumental, contendo o morfema *-a*, serão ambíguas. Ainda que o único SN pleno seja precedido de *ne* ou *ra*, ele poderá ser interpretado ou como sujeito ou como complemento (BUTLER; EKADHL, 2012, p.74):

- (2) niko- a ne tapi ´i
 comer-3ps -3O DET galinha
 ‘a galinha comeu ele’ ou ‘ele comeu a galinha’

Na ausência do morfema *-a*, o SN pleno somente poderá ser interpretado como objeto, e o determinante ‘ne’ se torna opcional:

- (3) niko ne tapi ´i
 comer-3ps DET galinha
 ‘ele comeu a galinha’

- (4) niko tapi ´i
 comer-3ps galinha
 ‘ele comeu a galinha’

Na análise de Butler e Ekdahl (1979), sempre que uma sentença transitiva tem nominais plenos na ordem canônica (VSO), como em (1), o único determinante da sentença, seja *ra* ou *ne*, opera exclusivamente sobre o objeto,

marcando a definitude desse SN, nunca operando sobre o sujeito. A função do determinante como marcador de definitude é restrita apenas ao argumento em função de O. Então, *ra* e *ne*, além de marcarem definitude, também identificam o SN em função de objeto. Isso pode soar estranho para falantes do português, mas é característico de línguas aglutinantes que as partículas (os morfes) exerçam mais de uma função gramatical.

Convém frisar que a língua terena faz a oposição morfológica entre o tempo verbal de futuro e o de não-futuro, usando a mesma forma para presente e passado. E que o uso de determinantes não é obrigatório em diversos contextos. Vale lembrar ainda que número nominal e a interpretação de especificidade/definitude ou de inespecificidade/indefinitude são viáveis para o mesmo SN, sendo a ambiguidade resolvida pelo contexto conversacional ou de uso.

(5) *kûre nikô-a*.

porco comer-3ps -3O

‘o porco come/comeu’ ou ‘porcos comem’.

Do ponto de vista semântico, Butler (2003) considera que o Terena possui os seguintes demonstrativos: o morfema ‘*ra*’ funcionária de forma similar a ‘este/esta’ em português (colocando o referente do DP próximo ao falante e/ ou em destaque no contexto do discurso) e *neko* equivaleria a *aquela/aquela* (introduzindo um referente mais distante no tempo/ discurso). Já *ne*, neutro para codificar distâncias (discursiva e física), teria como função semântica expressar definitude. Não é regra que línguas indígenas sul-americanas tenham artigos definidos, embora não seja de todo incomum, sobretudo, determinantes de uso facultativo, empregados como marcadores de definitude.

2 A distribuição e a interpretação dos determinantes em terena

Julio (2018) considera que tanto *ne* como *ra* podem ser utilizados como marcas de definitude e especificidade, mas pelo menos *ra* pode funcionar como

dêitico, indicando a localização de referentes no espaço e no discurso. Em nosso trabalho, coletamos outras formas de demonstrativo:

Contexto: Quero comprar um cesto para guardar minhas canetas. A vendedora tem um monte de cestos, eu aponto o cesto vermelho e digo:

(6) Veyoandi po-ra yáka
vou pegar esse-DEM cesto
‘vou pegar esse cesto’ (cesto específico + perto/falante) ou ‘vou pegar aquele cesto’

(7) Veyoandi ra-koxo yáka
vou pegar DEF-aquele cesto
‘vou pegar aquele cesto’

Entretanto, muitas vezes uma frase com a partícula *ra* também pode ser traduzida como um demonstrativo:

(8) Ø-sîmo=ra xúnati hóyeno
3sg-chegar= DEF forte homem
‘esse homem forte chegou’

(JULIO, 2018, p.64)

A princípio, sintagmas determinantes definidos e indefinidos devem seguir as seguintes restrições: unicidade/familiaridade/especificidade para definidos e não unicidade/novidade/não especificidade para indefinidos. Artigos definidos e demonstrativos podem ser considerados semanticamente muito próximos, uma vez que ambos trazem o traço [+definitude]. Podemos pensar que a única diferença entre os demonstrativos e os artigos definidos é a neutralidade destes em relação ao espaço/tempo; entretanto, demonstrativos também não ocorrem com referentes que são inerentemente únicos, como *o sol*, *a lua*, ou por exemplo, *o presidente do Brasil*, que são conjuntos que denotam uma entidade única (um *singleton*). Outra distinção é o fato de os demonstrativos sofrerem a

chamada *restrição de correspondência* (cf. HAWKINS, 1978, *apud* LYONS, 1999), ou seja, apenas o definido pode levar o ouvinte a inferir o referente com base no conhecimento de mundo, estabelecendo assim uma ligação com o antecedente que leva a interpretar a referência como compartilhada:

(9) (a) Entrei no carro e liguei o motor.

(b) *Entrei no carro e liguei aquele/esse/um motor

Somente em (9a), mas não em (9b), podemos compreender o motor como sendo parte do carro.

Ao testarmos frases com referentes inerentemente únicos em Terena, pudemos notar que esses SNs podem ocorrer tanto com *ne* como com *ra* mas não com ‘aquele’, um indício de que ambos se comportam como artigos definidos:

(10) (a) koati kótuti ra káxe kó’oyene

muito quente DET sol hoje

‘o sol está muito quente hoje.’

(b) kotuti ra kaxe koóyene

quente DET sol hoje

‘o sol está muito quente hoje’

(c) yupihovo otuko ne kaxe

muito quente DET sol

‘o sol é muito quente’

(d) #porakoxo káxe koati kótuti kó’oyene

aquele sol muito quente hoje.

‘aquele sol está muito quente hoje’

Outro exemplo de entidade única é *koexómoneti* (*pajé*), pois cada aldeia Terena tem um único pajé:

(11) ho’uxo xâne-hiko ne/ra koexómoneti ya hánaiti káxe

reunir pessoas-PL DEF pajé em grande dia

‘o pajé reuniu pessoas na semana santa’

Aplicando testes com restrição de correspondência, verificamos que *ra* e *ne* permitem a interpretação de parte-todo, ligando a referência de nominais, o que os parecia com artigos definidos, e não com demonstrativos:

Contexto: João estava muito feliz porque comprou uma moto, mas percebeu que a roda da moto estava quebrada, tanto que o pneu saiu.

- (12) (a) vanexo póhuti moto ne Xuâum . Itatakoti heve
comprar um(numeral) moto DEF João . Quebrada perna
motu-na ra Xuaum yoko eheko pneu-na ra moto.
moto-3^a. DEF João e saiu pneu-3^a. DEF moto.
'O João comprou uma moto. A roda da moto do João estava
quebrada e o pneu saiu da moto.'
- (b) Urungovone carru-ke ligaxoane undi ne mutu-na
Quando entre carro-loc liguei DEF motor-3^a.POSS
'Quando entrei no carro liguei o motor.'

A interpretação do consultor foi de que as sentenças em (12) são naturais. Mais um quesito que indica que *ra* e *ne* são artigos definidos é o fato de precederem nomes próprios, como vimos no exemplo (1), em que a definitude se aplica ao objeto (a *Marlene*).

Uma vez que caracterizamos tanto *ra* como *ne* como artigos definidos, nos resta entender qual o contexto que promove o uso de uma forma em detrimento de outra, uma vez que ambas expressam especificidade/singularidade/familiaridade, acreditamos que a diferença de escolha entre os artigos é promovida por diferentes situações pragmáticas. É o que faremos na próxima seção.

2.1 A distinção semântica entre *ne* e *ra*.

Dado os testes semânticos terem indicado que *ra* e *ne* apresentam comportamentos esperados para os artigos definidos das línguas flexionais, e não

para demonstrativos, a questão que se coloca é por que motivo uma língua natural teria dois marcadores de definitude. Outra questão que emerge, menos teórica, é: a qual seria a divisão de trabalho entre eles? Investigando isso, surgiu a hipótese de que diferença esteja na natureza da familiaridade requerida por cada um desses morfes.

Na conversação, em um contexto em que o falante reconhece o referente do artigo por ter interagido diretamente com ele em uma situação anterior ou por ele estar em seu campo visual, o *ra* é usado. No discurso, em gêneros narrativos, por exemplo, a partícula *ra* também retoma indivíduos já apresentados, cuja existência já tinha sido assinalada anteriormente no discurso. A retomada de referentes do discurso é uma função clássica dos artigos definidos em línguas como o inglês e o português, mas a marcação de proximidade (física ou mais abstrata) é feita pelos demonstrativos em línguas flexionais. Talvez seja essa a razão de muitas vezes *ra* ter sido traduzido para o português às vezes com o demonstrativo *esse* e outras vezes como artigo definido.

Por outro lado, o emprego de *ne* na conversação se dá quando o reconhecimento ou a identificação do referente dependem do *common ground*, ou seja, sua existência decorre das crenças e dos conhecimentos compartilhados por falante e ouvinte, sem necessidade de ter havido alguma interação pessoal com o referente nem de ele estar no campo visual do falante, ao utilizá-lo. É um conhecimento tacitamente aceito pelos participantes do discurso que torna o referente familiar. Nas eliciações linguísticas, sem contato visual e sem experiência pessoal prévia com o referente, a primeira opção do falante é o *ne*. Trazemos alguns exemplos a seguir, para que esse ponto fique mais claro.

(13) (a) eyevoti **ra** Aronaldo ya Cristina
ser alto DEF Aronaldo PREP Cristina
'Aronaldo é mais alto que Cristina'

(b) eyevoti **ne** Xuâum ya Maria
ser alto DEF João PREP Maria
'João é mais alto que Maria'

Também foi descrita uma festa a que o colaborador esteve presente, com (14a). Perguntado como ele descreveria o mesmo fato se não o tivesse testemunhado, se não participasse da festa, ele produziu (14b):

- O exemplo (11) foi retomado com dois cenários. No primeiro, o colaborador estava entre as pessoas reunidas pelo pajé. Nesse cenário, o determinante escolhido foi *ra*. Mudando de cenário, foi dito que o fato aconteceu em outra aldeia, sem que ele tivesse visto ou participado, e o determinante de sua escolha foi o *ne*.

(15) (a) koima'iti **ne** koexoe.
ser perigosa DEF cobra
'cobra é perigosa'. (são todas as cobras)

- Cadernos do IL*, Estudos Linguísticos, n. 63, dez. de 2021.

Entretanto, para um indivíduo particular de certa espécie, o determinante apropriado é *ra*. É característico das onças em geral terem rabo, e exceções são contingentes, dependendo de verificação no mundo. Ao encontrar na mata uma onça que perdeu o rabo, o falante poderia utilizar (16a), mas não (16b):

- (16) (a) ako ihi ra sini
 não rabo DEF onça
 ‘a onça não tem rabo’
 ‘(só essa onça, não toda a espécie)’
 (b) #ako ihi ne sini
 não rabo DEF onça
 ‘onça não tem rabo’

Só seria apropriado usar (16b) se tipicamente as onças não tivessem rabo. A ideia de espécie é uma ideia que depende de generalização sobre suas instanciações, visto que nenhuma pessoa pode interagir com uma espécie inteira. A escolha de *ne* para falar da espécie inteira e sua interdição para fazer referência a um animal particular são reveladoras sobre a divisão de trabalho entre esses marcadores de definitude.

Embora a pesquisa esteja em andamento, consideramos que já obtivemos indicações sólidas, em nossas elicitacões, para elucidar a divisão de trabalho entre *ra* e *ne*, como as comentadas aqui.

3 Palavras finais

A pesquisa linguística, como qualquer outro campo de conhecimento humano, tem um passado etnocentrado. Por algum tempo, as línguas mais conhecidas dos pesquisadores, as europeias, foram tomadas como as mais típicas, em relação a diversos fenômenos. Quanto mais línguas naturais são descritas, mas conhecemos sobre a diversidade linguística humana, e mais difícil fica abarcar todas as línguas naturais em características gerais. Não obstante, a busca de universais linguísticos é um projeto frutífero, que não pode ser abandonado. A gramática da língua que examinamos é bem fora dos padrões indoeuropeus.

Ela é aglutinante, mas isso não é tudo. Do ponto de vista semântico, é uma língua de nomes nus, sem marcas obrigatórias de definitude (vimos exemplos em que o mesmo nome nu pode ser interpretado como definido ou como indefinido) e apresenta um morfema marcador de definitude. Isso não é trivial entre línguas de nome nu. Como se não bastasse, o terena conta com dois marcadores distintos de definitude, um fato pouco usual e muito interessante. Por isso, acreditamos que estudos sobre o terena sejam interessantes não só para a produção de conhecimento gramatical sobre a própria língua, mas também para a busca de universais linguísticos.

Embora a pesquisa esteja em andamento, consideramos que já obtivemos indicações sólidas, em nossas eliciações, para elucidar a divisão de trabalho entre *ra* e *ne*, como discutido ao longo deste artigo.

Os materiais publicados sobre os artigos em terena são produtos da SIL (Associação Internacional de Linguística), que tinha como objetivo granjear o domínio da língua-alvo aos evangelizadores. Houve um grande intervalo temporal até que os marcadores de definitude do terena fossem revisitados.

Apresentamos neste artigo uma resposta provisória, mas promissora, à pergunta intrigante de qual seria o motivo para uma língua de nomes nus ter dois artigos definidos. Eles fazem trabalhos distintos. Em lugar da proposta clássica, que analisa um como artigo definido e outro como demonstrativo, após a aplicação de testes, defendemos que ambos são artigos definidos, sensíveis à unicidade, à familiaridade e à especificidade. E que seu uso é regulado por uma distinção quanto à natureza da familiaridade, dividida da maneira que costuma conduzir morfemas evidenciais: *ra* é licenciado pela familiaridade decorrente de conhecimento pessoal e de campo visual (evidência direta) e *ne* é licenciado pela familiaridade decorrente de conhecimento compartilhada com a comunidade, que leva a aceitar como verdadeiros fatos não emergentes de evidência direta.

Referências

BUTLER, Nancy Evelyn. *The multiple functions of the definite article in Terena*. Série Linguística, SIL, 2003.

BUTLER, Nancy Evelyn; EKDAHL, Elizabeth. Muriel. *Aprenda Terena*. v. I, v. II Brasília: SIL, 1979.

CARDOSO, Valéria Faria. *Sistema de marcação de caso em Terena (Aruak)*. LIAMES: Línguas Indígenas Americanas, v. 17, n. 1, p. 59-78, 2017.

JULIO, Aronaldo. *Língua Terena: prosódia, semântica e aspectos da prática escolar*. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas). Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2018

LYONS, Christopher. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

SILVA, D. *Estudo Lexicográfico da Língua Terena: Proposta de um Dicionário Bilingue Terena-português*. 2013. Tese (doutorado em Letras e Linguística)-Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araquara, 2013.